

Folha d'Ovar

SEMANARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha 600 "
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Anunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E EDITOR

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Anuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.—Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 29 de maio

Entre Scylla e Carybdes

No *Primeiro de Janeiro* a Granja pergunta ao governo «se não vê, se não sente, por todo o paiz um descontentamento enorme, uma effervescencia profunda, symptomatica!!

«Pois quê! Assim o illumem as suas auctoridades?

«Não lhe dizem, que o proprio partido regenerador atravessa um periodo de decomposição e esphacelo?

«Pois quê! Fecha os olhos, e cerra os ouvidos?

«Nós d'aquí, ao vêr as fatalidades adensadas no horisonte, lhe gritamos que pare, que suste o seu caminhar de vexames, de loucuras e desgraças!

«Pois quê! Não tem consciencia de que é preciso mais do que nunca estabelecer a *pax dei* nas discussões partidarias?!»

Sendo assim, porque se abstem da urna?

O paiz descontente, a ferver em odio contra o governo, o partido regenerador quasi desfeito, as fatalidades no horisonte, auxiliares da Granja, os comicios nos seus applausos chamando os homens da tramoia a salvarem as finanças e a liberdade, não são razões imperiosas para, em vez de se abster, entrar na lucta eleitoral com toda a certeza do triumpho?

Tão popular, que lhe importa o modo d'eleger, quer por lista, quer sem lista, hade sahir gloriosa, para lhe serem confiados os nossos destinos, e então estabelecer a *paz de Deus* entre os partidos.

Abstendo-se, falta á patria, que a implora e lhe estêde os braços, renuncia a toda a sua gloria.

Mas se nada é verdade na parolagem da sua imprensa, se os comicios não abalaram ninguem, se a indiferença publica os recebeu, se o paiz não está descontente com o governo, mas sim com a Granja, que o arruinou, e de quem ainda não esqueceu os monstruosos escandalos, com que direito se queixa de se vêr affastada das queridas pastas, quando até os seus partidarios em massa como no districto de Braga a abandonam e se ligam ao partido regenerador? Quaes são as indicações que justificam os seus queixumes?

Se uma simples mudança na fórmula do suffragio a põe fóra de combate, que influencia é essa de que blasona?

Se recorre á aliança com os republicanos, se com elles apparece nos comicios, para intimidar o soberano e forçá-lo a que lhe entregue o mando, não pugna assim pela liberdade, pretexto das suas declamações e manejos, o que pretende, é impôr-se áquelle a quem incumbem os grandes actos do systema

politico, e que porisso deve ser o mais livre no uso das suas faculdades.

Dominar o rei de qualquer modo, é dominar o paiz.

Taes são as contradicções da Granja.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

Continuando...

Não podemos estar bem humorados sempre que escrevemos. No entanto alguns dias ha em que nos sentimos dispostos para a brincadeira e porisso e, á falta de outros passatempos, divertimo-nos um pouco com os nossos adversarios!

Isto é completamente inoffensivo, e elles prestam-se tanto á sorte que não podemos fugir á tentação de uma vez por outra debicar com elles.

Eis o que vimos fazendo nos ultimos numeros.

O que, porém, nunca pensamos é que tão inoffensivel passatempo originasse uma tremendissima casca por parte do *Ovarense*.

Releve-nos, pois, o collega o *debique* e creia que não foi por mal!

Credo! Pois nós teriamos coragem de dizer a sério aos nobres progressistas da terra que, em circumstancias normaes, haviamos fatalmente de lhe vencer as eleições, visto ter terminado pela nova lei eleitoral, a bambochata das antigas commissões do recenseamento?!

Pois nós haviamos de, em boa letra redonda, ter a ousadia de dirigir tal insulto a quem, ha annos, a coberto dos recenseamentos *ad hoc* preparados, vinha blasonando força irresistivel, importancia inegualavel?

Não, não foi, nem podia ser essa a nossa intenção e, se por-

ventura alguma coisa escrevemos, d'onde se possa deprehender tal affirmativa, desde já damos por *escripto* o que *escripto* está.

Retractamo-nos em publico e sirva-nos este acto de requintada abnegação de penitencia ao peccado mortal, que commetemos, affirmando tambem em publico, que está chegada a hora do partido regenerador mostrar á evidencia ao paiz que, sempre que o recenseamento seja regularmente organizado, é inevitavel a sua victoria.

Phantasiemos este resultado! Como, porém é *pura phantasia* tudo o que dissemos e o mais que possamos dizer sobre este assumpto, não se arreceie o partido progressista!

Não se derruba com facilidade uma politica que domina ha já dez annos, dispondo da camara por todas as fórmulas e feitos.

Para o fazer é necessario uma de duas: ou lançar mão do sanguinolento expediente, de que se valeram os progressistas em 1885 para conquistarem, *triste conquista!* o poder, o que nunca faremos, ou então que os adversarios disponham d'uma influencia poderosa no concelho e tão poderosa que seja bastante para supplantar a tão apregoadá influencia progressista.

Ora nós, o partido sem chefe, sem união, sem direcção, esphacelado e desnorteado, poderemos lá vencer por mais de cem votos cada uma das assembleias eleitoraes primarias?

Nunca... nunca! Quem vence... ora quem ha-de vencer? Os progressistas!

Verdade é que agora já elles não podem eliminar por completo os nossos amigos do recenseamento.

Verdade é que na sua arraia

miuda houve uma derrocada geral.

Verdade é que agora já vemos com voto os proprietarios, negociantes, lavradores e industriaes, que constituiam o gróss do nosso partido, e que, até hoje, na sua maioria nunca tiveram o prazer de exercerem os seus direitos politicos.

Mas apezar de tudo isto... quem vence, (vá lá, faça-se a vontade ao menino) são os progressistas.

Parece-nos cathgorica a nossa retractação e, com franqueza o dizemos, se não fóra a *alta consideração* que devemos á tambem mui alta individualidade do *Ovarense*, não nos sujeitariamos á *alta consideração* pelas forcas caudinas!

Mas emfim, temos um dever de lealdade.

Posto isto, os progressistas com a *alta consideração* e deixem-nos o nosso pacato caminho.

Não nos dêem tanta importancia porque não lh'a agradecemos.

Quem tão bem tem administrado as receitas municipaes de nada se deve arreçar.

Novembro ainda vem longe... e d'aquí até lá... Deus dirá o que será.

Quem sabe se o articulista do *Ovarense* terá então as mesmas idéas?

Tem oscillado tanto!!

O sr. José Luciano e o seu partido em face do sr. Dias Ferreira

A declaração formal que o sr. Dias Ferreira fez no *Tempo*, de que entraria na lucta eleitoral franca e desafogadamente com o concurso dos seus amigos, tem desnorteado por completo os progressistas e republicanos. Chega a ser curiosa a

Folhetim da FOLHA D'OVAR

AS RUINAS

Astro bello, que estás ahi sorrindo,
Pairando sobre nós, a que ventura,
A que scena has tu vindo?
Só tu não perdes nunca a formosura,
Nem os serenos joviaes fulgores!...
De ti diante, a vida, o goso, e as dores,
O tempo em seu abysmo vai sumindo!

Quando nos raios fitas
Os ermos, onde jazem as cidades...
Nas gerações extinctas, nas idades,
Saudoso, não meditas?
Quem sabe aonde elevas a memoria?!
Do mundo a origem, a ignorada sorte
Das primitivas—innocentes hordas,
E dos imperios a soberba historia,
E tudo o que foi grande e bello e forte,
Lá nos céos não recordas?

Da terra alumando os horisontes,
Outrora viste abrir o seio aos montes,
Do granito os monólithos informes
Em porticos sublimes transformados,
Estatuas colossaes, templos enormes,
A um deus em ti supposto consagrados!...
Ouviste os hymnos das nações infantas,
Viste cahir depois os teus altares...
E ainda hoje nos restos seculares
Derramas a luz viva como d'antes!

Só vaga um rumor incerto
Pelos valles e as collinas,
Onde o echo das ruinas
Responde á voz do deserto...

Aos seculos presides, e ás espheras
Sujeitas ao poder em ti occulto...
E o teu festivo e radioso vulto
Só momentos anima as primaveras...
Essé rico matiz d'intensas côres
Qu'importa as rosas para nós enfeite,
É doce alento, universal deleite,
Influam teus ardores?!

Por fim a natureza o ser nos toma,
Extingue-se a memoria que mais dura.
Tudo se olvidará, Cezar e Roma...
E' um vasto sepulchro a terra escura!

Nada, ó astro, te commove?
Sobre o prazer, sobre as dores,
A ordem fatal se move
Dos globos indifferentes!
Se viçam ou murcham flores,
Qu'importa aos raios ardentes?!

Ó símbolo d'eterna mocidade,
Tu és ainda o mesmo! E soberano,
Immortal, reinarás na immensidade,
Sempre formoso e de teu brilho ufano?

Aos mundos, que tu vês ahi rolando,
Que o teu ardor inflamma,
N'um mysterio perpetuo dominando
O seu girar infindo...
Os annos ante a viva—alegre chamma
Como folhas do tempo irão cahindo?
Almeida e Medeiros.

forma por que os jornaes d'aquellas côres politicas aggridem o snr. Dias Ferreira por haver discordado sob a ideia «da abstenção», proclamada no conclave republicano-progressista na sua sessão de 6 de maio.

Compreende-se esta furia. A solução tomada pelo illustre estadista está nos estrictos limites da constitucionalidade e portanto dá-lhe o incontestavel direito de preparar no futuro para o seu partido a herança no poder. Portanto a tão premeditada «abstenção», que pôde traduzir um plano para crear dificuldades ao governo, mas que nunca traduziu nem traduzirá manifestação de força e de autoridade, gora-se por completo nos seus alvejados effeitos, desde que se apresenta na lucta em partido de opposição tendo como seu chefe um dos nossos mais illustres estadistas. D'ahi a facil comprehensão dos ataques politicos e pessoas feitos pela imprensa progressista e republicana á attitude do sr. Dias Ferreira.

Os republicanos que, tão habilmente se teem aproveitado dos progressistas desde a celebrissima colligação liberal, para a consecução dos seus planos, barafustam e fazem *pro-forma*, côro com as invectivas dos progressistas para que o sr. José Luciano os não taxe já de *ingratos*; mas a verdade é que bem contentes devem estar com a sua obra; e, debaixo de capa, devem rir-se da ridicula situação a que, por elles, chegou aquelle artista e com elle o seu

Tendo os ditos logares, tem a duvida os seus movimentos, estava irremediavelmente condemnado a não longinquo.

Todavia se não fôra o pouco tino politico do sr. José Luciano, que, arrastado pelo irrequeitismo dos aspirantes a pastas ministeriaes, se deixou resvalar n'um caminho cheio de abrolhos e perigos, tendo como prologo o *consorcio* com os inimigos das instituições e como epilogo a *abstenção*, certamente que a sua inevitavel quêda não se prepararia tão precipitadamente!

Pretendeu com a calculada abstenção preparar a morte do governo, conscio, que ingenuidade!, de que aquelle baquearia em face d'um acto de fraqueza, que outra qualificação não se pôde dar a tal passo, mas morreu victima das proprias armas com que pretendeu matar!

Era consequencia fatal. A lucta reúne e aviventa as forças dos partidos; dá-lhes vida e prepara-os para o ingresso no poder. A *abstenção* dispersa e enfraquece os elementos viaveis, affasta os partidos do poder; prepara-lhes a morte.

Não morreu o governo porque não morre por esta forma quem tão bem se tem conduzido nos conselhos da corôa e tem sabido captar a confiança d'esta e do paiz.

Não é, porém, eterno e por isso carece de quem o substitua. Na rotação constitucional dos partidos ha-de ser chamado ao poder quem se tiver conservado na orbita d'essa constitucionalidade, procurando o sustentaculo das instituições, e não quem conluia com os seus inimigos.

Por isso bem haja o sr. Dias Ferreira em não se deixar eivar pelos desmandos e desvarios da colligação ou consorcio republicano-progressista, em quem

a com bata... indigesto man... têm prestimo sómente... epochas eleitoraes!

Pequena ou grande ha-de levar á camara a representação que as forças do seu partido lhe permittirem e com ella combaterá os actos, porventura menos correctos, do partido regenerador, organisando por esta fórma um partido de opposição restricta ante monarchico, que deverá, a seu tempo, occupar as cadeiras do poder, e dando uma lição severa ao conluio republicano-progressista!

Não lhe faltarão, crêmos, elementos de lucta em face da nobre attitude assumida pelo illustre estadista, qual é a salvaguarda e sustentaculo das instituições.

O paiz nunca olha indifferente para os homens e para os seus actos e portanto não deixará de secundar a resolução do sr. Dias Ferreira.

Teve o sr. José Luciano a veleidade de se julgar indispensavel e por isso recorreu ao desgraçado expediente de *abstenção*. O tempo e os factos se encarregarão, porém, de demonstrar quão erroneo foi tal pensamento.

NOTICIARIO

Perguntas soltas

Quando responderá o *Ovarense* sobre os amanuenses e officiaes da camara e sobre os guardas da matta?

Quando fará a camara cumprir ao arrematante das obras da estrada da Graça o seu contracto, obrigando-o a fazer os passeios?

Quando mandará a camara compôr os muros da ponte de João de Pinho?

O arrematante só teve pressa em tirar os capeados e não faz os reparos que, segundo diz o *Ovarense*, foram arrematados?

Quando se faz a compostura da estrada da rua da Fonte, ha tanto tempo annunciada?

A camara tenciona continuar com o systema de *vallas communis* ensaiadas na rua da Fonte?

Em Vallega—S. José

A vizinha freguezia de Vallega deu no domingo passado uma festa—a primeira d'este anno, em homenagem a S. José.

O dia apresentou-se formosissimo, um perfeito dia de maio. Mas por essa razão, a verdade é que a festividade não foi concorrida.

Talvez, por ser a primeira. Ainda assim, meia duzia de pessoas d'esta villa foi alli adorar o santo, gozar o passeio extenso e agradável, e não sabemos se molhar a palavra no Leal, no Moraes e no Chico.

Que, segundo opinaram diversos cavalheiros d'aquella freguezia e nossos amigos, aquellas casas não tiveram concorrência que agradasse aos respectivos proprietarios, porquanto... foi pequena!

Paciencia. E como as festas em Vallega estão a succeder-se, é não desanimar, e ir pre-

E' sem duvida no dia 9 do mez de junho proximo, que se realisa no largo dos Campos, d'esta villa, o bazar em beneficio de Nossa Senhora do Rosario.

Durante o dia, tocará no referido largo a phylarmonica «Ovarense».

«Portugal e Brazil»

Commemorando o restabelecimento das nossas relações com o Brazil, principia a publicar-se brevemente em Lisboa, um novo jornal, com o titulo de *Portugal e Brazil*—orgão da colonia brasileira em Portugal. Agradecemos o numero *programma* que recebemos.

A emigração

Tem tomado proporções graves a emigração para o Brazil. A monomania de angariarem alguma fortuna é uma illusão que fascina e attrahe.

Na vizinha freguezia de Vallega escasseiam os braços para a lavoura. Os lavradores luctam portanto com sérios embarços para fazerem as suas propriedades.

Não poderá haver remedio para esta monomania?

Notas rapidas

Veio passar alguns dias, com sua familia, o nosso amigo e estudante do 1.º anno de direito, Pedro Chaves.

—Regressou do Porto, o nosso amigo Francisco Balreira.

—Tem estado entre nós o nosso velho amigo Manoel Bastos.

—Tem passado incommodada a esposa do nosso valente correligionario Manoel de Oliveira Gomes Rabasio.

Sentimos. —Realisa-se hoje na igreja matriz o enlace do nosso amigo José Maria Rodrigues de Figueiredo, com uma filha do sr. José Pacheco Polonia.

Aos noivos um futuro risinho e cheio de rosas.

—Falleceu uma tia do nosso amigo Francisco Valle.

Os nossos pezames á familia.

Livraria Camões

Da importante livraria de que o sr. Fernandes Possas, do Porto, é proprietario, recebemos o catalogo n.º 17, *illustrado*.

Aos nossos leitores, assim como aos colleccionadores de bons livros, recommendamos a Livraria Camões, na rua das Flores, 136-138, Porto, certos de que encontrarão livros rarissimos por preços sem competitor.

SECÇÃO LITTERARIA

Questões litterarias

«O livro dos sonhos»

João Grave, *ao cabo d'um trabalho que tantas dolorisações (?) custou* (*Opinião* n.º 338) deu aos mercados litterarios um livro de *versos* que vae engrossar, segundo se infere da tirada sobre a *Arte*, as fileiras dos *poetas modernos*

—livro de versos imperfeitos, reprehensiveis, obscuros! E' o que se deduz do periodo: (*Opinião* 338)

«Por mais que se tente ás vezes dar a uma concepção nitida e viva o maximo brilho possible, por mais que ella se queira joeirar e polir, sempre fica alguma *côr parda embaciando* a luz do quadro.»

E' elle que o confessa. Mortificou-se porque na minha apreciação, genial e franca, rude demais porque encerrava verdades, não teve o incenso d'uma adulação?

Se o tivesse fechado n'alguuma arca de pinho, respeitavel pela ancianidade, teria para o comprazer os beijos do *carunchinho*, meiga e docemente.

Comme on fait son lit, on se couche...

Conheço que era bem mais suave para os seus ouvidos o ciciar das lisonjas... Mas as lisonjas fizeram baquear o sceptro de Affonso vi e arremessaram D. Sebastião sob o rigor dos ferros de Moley Mólucu.

Mas essas lisonjas não lhe evitariam o desgosto de criticas bem mais severas...

João Grave não nasceu poeta; imaginou que o era. A ideia fixa ás vezes é uma loucura!

Por isso elle, na ingenuidade d'uma creança, exclama:

«Qualquer artista só se magôa quando outro artista que o comprehende, lhe aponta defeitos que o podem desanimar.»

Julga-se **artista!!!** sem recordar Feliciano de Castilho que disse nas *Excavações poeticas*

...um genio, que nasceu d'encôlhas, não vai metter-se a redactor de folhas.

Ora João Grave por mais que se mate não inventa a polvora, como não faz que a poesia portugueza estacione ou prospere. Tem *macaquinhos* no *sofá*, não ha que vêr!...

E não volte mais a chamar-me, n'aquella linguagem que bem pouco o eleva:—cão d'oculos—porque se illude; não tragos oculos: uso lunetas!!!

Já vê que é infeliz em tudo! Com respeito aos outros termos—que desprezo—aconselho-lhe mais prudencia e mais correccão no seu proceder.

Apostrophou-me na sombra, cobardemente... Porque não citou o meu nome? Receiou que um dia, além da opinião publica, lhe tomem contas d'esses termos?—termos que nada mais crystallisam que uma d'essas almas que não receberam no lar domestico os preceitos da civilidade, as leis da educação? Pôde ainda estudal-as: Roquette compendiou-as no *Codigo do bom tom*—custa 900 réis.

E, pergunta

1.ª,

é para se escreverem termos assim que se encima um artigo com *Questões litterarias?*

2.ª

Quando se escrevem periodos sensatos, como os do meu ultimo artigo, poderá impunemente responder-se-lhe com: (*Opinião* 338) «cães, gallegos, sapateiros, bestas?» Que provam estes epithetos?

Que baquearam todos os meus argumentos? Que fui feliz n'essa apreciação rude, mas conscienciosa?

3.ª

Para se dizer a meu respeito: «um cão, um gallego sem im-

portancia, um sapateiro sem arte...—é coisa de que ninguem faz caso...» é preciso que ninguem ligue importancia! Mas João Grave magoou-se, fez caso!!!

Talvez queira referir-se a algum poeta moderno, ebrio de talento e de esperanza, para quem João Grave é positivamente um *ninguem*? Mas n'essa confissão vaga não nos frisa a pequenez da sua estatura moral?

4.ª

Visto que desenvolveu a *Arte*,

Com palavras mais duras que elegantes, A mão na espada, irado e não facundo,

e que se impõe como *artista*, decerto sabe dizer-me, se o modernismo, o *chic*, em poesia, está essencialmente n'essa enfiada ridicula (*Opinião* 338) que *muitas vezes custou lagrimas ao poeta*—n'essa enfiada ridicula de palavras sem nexos, sem arte, sem sentido?

Estrella de sóes a noitada da vida... (pag. 29)

Abre um beijo de luz em cada flor... (pag. 53)

Avê-Marias de luar... (pag. 96)

Trazes na tua mão a virgindade... (pag. 49)

Então a poesia hodierna, essa poesia onde o *artista* deixou pedaços da sua alma, á custa de *muitas allucinações* (*Opinião* 338) é essa, está ahí, n'essa coisa?

E' João Grave, ou algum dos sectarios da sua *escola*, que modifica os preceitos a que obedece a poesia até hoje? O perfume da poesia está como parece concluir-se da *Arte*, na incoherencia da phrase? João de Deus, Vidal Oudinot, Luiz Guimarães, filho, passarão á sombra, inscientes como João de Lemos, Gonçalves Crespo, Antonio Feijó, ignorantes e ignorados como Feliciano de Castilho? Decerto, porque a sua poesia, artistica e fina, entendeu-se e analysa-se!!

Saberão elles o que é poesia?

5.ª

Serão tambem os erros grammaticaes—que nos revelam a ignorancia d'esses rudimentos de portuguez, que as creanças ahí expõem nos lyceus, tremulas, ruborisadas—serão outros tantos predicados da *poesia moderna*?

Esses erros são inadmissiveis como typographicos.

Quando se escreve um livro que tem os defeitos d'uma revisão nada conscienciosa, adiciona-se-lhe uma pagina de *erratas*. João Grave não o fez, é por que o julgou, segundo o original, bom e perfeito.

Escreve-se: (pag. 113 do *Livro dos sonhos*)

«Que alvorada de luz que desabrocha Com petalas enormes e vermelhas.»

E' ignorar o art. 103 da *Grammatica Portugueza* de Bento de Oliveira na 19.ª edição. Alli não compete o ponto final. O de admiração reclama o seu lugar. E' alli.

Se soubesse o emprego da virgula, não escreveria: (pag. 133)

«Erram sem dono as minhas illusões, Já lhes falta o calor do teu olhar!»

A virgula roubou um lugar que os dois pontos exigem: têm papel distincto na leitura e na recitação.

Na pag. 45:

«Romeu, Romeu! acorda! a alma allucinada»

falta-lhe uma virgula que nos faz a separação do verbo e do vocativo sequente.

Ainda mais:

Nem tu sabes que triste saudade Deixastes...» (pag. 123).

E' erro de concordancia do sujeito com o verbo!

A pag. 54:

«Cortando a amortalhante azul...»

Como se azul fosse um nome feminino! E' erro de concordancia, em genero, do artigo com o seu substantivo!

E ainda mais:

A poesia moderna, essa poesia de Henrique de Vasconcellos e de João Grave, admite tambem os neologismos, um vicio opposto a uma das qualidades essenciaes da nossa lingua—a pureza—porque as palavras são muito novas e desconhecidas da maior parte? (*Elementos de Estylistica*—de Torres Mascarenhas) direscente (pag. 87); albente (pag. 88); luarosas (pag. 147); noival (pag. 34).

Adolpho Coelho não as admitiu no seu *Diccionario etymologico*. Eduardo de Faria e Raphael Bluteau não as mencionam tambem.

Quem é que lhes dá vida no mundo litterario?

E mais ainda:

As regras metricas de Simões Dias, na sua *Poetica*, de Feliciano de Castilho no seu *Tratado de Versificação* já não servem para os trovadores modernos?

«Mas somem-se as visões. O catechico mar...»

Este verso não obedece aos accents predominantes, obrigados na 6.^a e 12.^a syllabas.

1 2 3 4 5 6
Mas so mem — seas vi sões.
7 8 9 10 11 12 13
O ca ta le pú co mar.

Santo Deus!!! que metro é este?

Castilho esqueceu-se ou não soube dar-nos o molde de versos com os accents na 6.^a e 13.^a!!

E o João Grave será uma auctoridade para isso?

* * *

João Grave illudiu-se decerto com algum adjectivo de jornalistas pouco habeis, despidos de conhecimentos litterarios. Desditoso Icaro, tinha azas de cera que não affrontaram o sol da gloria!

Precisa de mais estudo mas em livros—friso bem: n'esses livros de portuguezes que não devem amarellecer pelas estantes pulverulentas. N'um livro moderno lê-se; em paginas antigas estuda-se. Precisa-se, como dizia Cicero, dos gregos—folheal-os de noite e dia: *manu versate diurna, versate nocturna*.

E, por fim, ha de reconhecer que nunca se pôde ser juiz em causa propria e que por isso não lhe é muito lisonjeiro tentar uma apologia do seu livro.

E ha de reconhecer que esse livro é o descredito—se tinha algum credito—da escola que abraçou—livro que pôde ser um *fac-simile* de versos de yolofofos, de battahs, de dayaks, menos versos de portuguezes!

E esse reconhecimento, essa confissão publica que eu lhe exijo, ficará, para todos os effeitos, em todo o seu pleno vigor

—se não responder a todas as minhas perguntas.

Nem só as palavras confessam o delicto. O silencio frisa-o tambem.

E eu hei de ostentar essa confissão publica.

Depois dar-lhe-ei tregoa.

Olympio Fonseca.

O MEU NOIVADO

I

Tiveste um dito engraçado Que me fez arreliar!
«Que tal... que eu ia casar... Sendo breve o meu noivado...»

Que dito mal empregado!
Ou 'stavas a caçoar
Ou deverás confessar
Que não foi dito acertado.

Mas eu bem sei, meu jasmim,
Porque tu fallas assim!
Ai! não sejas tão cruel!

O meu noivado já fiz...
E julgo-me bem feliz
Na minha lua de mel...

II

A noiva és tu! Venho dar-te
Meu amor. Sorris? Bem sei...
Ai! mas eu não duvidei
Amar-te em silencio... amar-te!...

Minh'alma venho offertar-te
E a lyra que dedilhei
Todo o tempo em que gozei
Para agora assim gozar-te...

A noiva és tu! mais ninguem!
Como me sinto tão bem
Tendo-te ao longe... a meu lado!

Bem dita a taça de fel
Que me deu lua de mel
Tão feliz no meu noivado!...

Ovar, maio de 95.

Mario Dulce.

CANÇÕES NOCTURNAS

A ELLA

(Continuação do n.º 131)

Das flor's amas mais a rosa
Depois, dizes, qu'a açucena...
Tu qu'attractivos encontras
N'ellas, morena, morena?

Morena, sim, mas formosa,
Porque moreno é teu rosto,
De dois pharoes rutilantes,
Dois olhos pretos composto.

Mas d'esse amor, oh! não julgues
Qu'em meu peito um vivo lume
Me devora inteiramente...
D'isso não tenho ciume!...

Pois eu de todas as flores,
Em que poisa a borboleta,
Escolho, já tu bem sabes,
A modesta v oleta.

Esta preferencia em mim
Não parece singular?
E' que p'la sua modestia
S'assemelha ao teu olhar!

Depõe agora, a pedido,
Um só beijo n'esta flôr
Que n'ella encontras um outro
Que te envia teu amor.

Se lá vir's a borboleta
Não a mates por favor:
S'ella vive do seu nectar
Assim o homem do amor!

Eleutherio.

A' SA

Minha

Soffrestel não soffreste só,
E contigo partiu minh'alegria
Não mais o sol divino n'algi
Aquentará, oh Deus, est'alma

Lá n'esse immenso reino
Meiga creança, oh! minh'alma
A recompensa gosa d'ago
Dos espinhos, das dôr's

Tudo no mundo, ouvi
Não pude crêr, amado
Porque julguei philtoso

Fui descrente! mas eu crê
Pois feneceu da minha vida
Qu'eras tu, oh! Emilia, n

Madrid, 20 d'abril de 1895

Manoel d'Oliveira Sa

CHRONICA

OS CASAMENTOS

Um desaforo!

Não é um desaforo, é um perfeito escandalo o que se está dando n'esta terra com os consorcios n'este e no proximo junho.

Que mania! os casamentos em tal quadra! Seja, porém, como fôr, e embora eu nada tenha com o caso, não posso, nem quero ficar no silencio, em face de tal costume—uma verdadeira patifaria!

Negal-o? Quem ousa tal audacia?

Hei-de fallar, hei-de gritar contra isto de casamentos no tempo do calor, das doenças, das festas, das novenas...

Porque se não é, deve ser contra a religião.

Francamente, eu nunca vi tanto enlace matrimonial em tão grosso numero como o d'este anno.

A razão d'este caso verdadeiramente excepcional ninguem é capaz de m'o explicar.

Mas eu hei-de tirar-me um dia dos meus cuidados, e—tráz! tráz!—á porta do sr. abbade cá da freguezia, a perguntar-lhe o numero exacto de casamentos desde o 1.º de maio que está a expirar.

E é cá por cousas que eu irei incommodar aquelle sacerdote, conscio de que serei ouvido e attendido.

Sempre quero vêr—é mania? deixal-o!—sempre quero vêr quantas das minhas patricias ficaram solteirinhas; sempre quero vêr se alguma escapará d'este anno, afim de ser minha companheira eterna para a vida e para a morte...

E o que relato muito á pressa sobre o assumpto é a mais pura das verdades, não sómente pelo que ouço, mas ainda pelo que vejo com estes olhos que a terra ou as salgadas aguás ha-de comer.

Um desaforo, um escandalo, a mais negra e terrivel das patifarias!

E depois, haja ainda quem faça côro com esse exercito de ignorantes e fanaticos que, de tempos a tempos, espalha que o mundo se acaba muito breve, logo no anno immediato!

Ora, bolas!
O mundo pode acabar, porém não todo.

Porque este cantinho de Portugal progride, e progredirá...

E' o que se está vendo, e tantos casamentos attestam estas verdades que, bem maguadas, lavro n'este lugar.

Jayne.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, testemunham por este meio o seu profundo reconhecimento pelas provas de consideração que lhes foram dispensadas por occasião do falecimento de sua irmã, sobrinha, cunhada, tia e prima Isabel Maria de Jesus. A todas as pessoas que acompanharam ao cemiterio o cadaver e assistiram ao funeral sentem não poder agradecer pessoalmente, como desejavam. Tributam-lhes, porém, perduravel reconhecimento, que assim significam penhoradissimos.

Ovar, 20 de maio de 1895.

Maria Joanna Rodrigues da Silva
Josepha Maria de Souza Brandão (auzente)
Maria Dias da Silva Mendonça
Dina Dias da Silva Mendonça
Isollett Souza Dias Pereira
Ida Emilia de Souza Brandão (auzente)
Elvira Armanda de Souza Brandão (auzente)
Maria do Ceu Pereira da Silva
Josepha Pereira da Silva
Anna Marques Rodrigues
José Bernardo da Silva (auzente)
Julio Augusto de Souza Brandão (auzente)
Arthur Valerio de Souza Brandão (auzente)
Antonio Dias Pereira
João Rodrigues da Silva
Benjamin Rodrigues da Silva
João Rodrigues da Silva Junior.

mos...
dido...
queir...
encel...
pois...
fazer...
tarmos...
propaga...
a publica...
iremos lança...
São estes os mot...
zemos do celebre romance *O Assassínio do Banqueiro*, uma edição popular ao alcance de todos, ainda os menos favorecidos e que sejam amantes da leitura, os quaes por um preço modicissimo podem possuir uma verdadeira joia litteraria.

E para comprovar e attestar o que dizemos, vejam-se as vantajosas e tentadoras condições da assignatura:

O Assassínio do Banqueiro, divide-se em 2 volumes, ou 30 fasciculos, illustrados com 10 magnificas gravuras, separadaa do texto. Formará 2 elegantes volumes assaiadamente impressos, que ficam ao assignante pela modica quantia de 1\$500 réis.

Distribue-se semanalmente um fasciculo ao preço minimo de 50 réis!!

Os assignantes receberão de brinde uma valiosa estampa, formato grande, propria para caixilho, as 10 illustrações da obra, e as capas impressas a côres para a brochura dos 2 volumes, gratuitamente.

A todas as pessoas, que angariem e se responsabilisem por 4 assignaturas a empreza offerece GRATIS a obra e os brindes, ou a commissão de 20 por cento.

Para Lisboa, provincias e ilhas o preço dos fasciculos não soffre alteração de preço, sendo o pagamento de cada fasciculo feito adiantado e remetido á nossa casa editora.

Correspondencia e assignatura dirigida á casa editora, rua Chã, 87-1.º—Porto.

ROL DA LAVADEIRA
Para 192 semanas
Preço 100 rs., pelo correio 120
Vende-se na Imp. Civilização, rua de Passos Manoel, 211 a 219.

A Civilisação

DE
MANOEL F. LEMOS

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

R. de Passos Manoel, 211 a 219

(frente da R. de Santo Ildefonso)

PORTO

Officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preço bastante módico, todo e qualquer trabalho typographico.

Cartas, memoranduns, mappas, bilhetes de loja, enveloppes, pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos de Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de tipos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas composições recebidas das principaes casas estrangeiras.

BILHETES DE VISITA a 150 e 200 réis o cento

BILHETES DE RIFA a preços baratos

BILHETES DE LUTO para agradecimento

Enviem-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

TEM A VENDA:

RELAÇÕES que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

LIVROS para registo de hospedes.

RELAÇÕES de novo modelo para receber o juro das inscrições, bem como das obrigações de 4 e meio p. c., etc., etc.

TABELLAS do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações

RECIBOS para todas as Juntas de parochia (modelo official).

ARRENDAMENTOS para caseiros e senhorios.

GUIAS para acompanhar a correspondencia official pelo correio.

NOTAS de expedição para encomendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Fabricam-se **CARIMBOS DE BORRACHA** tanto para particulares como para repartições publicas, por preços rasoaveis.

O procurador do contribuinte industrial

Collecção de modelos de requerimentos para uso dos cidadãos sujeitos a contribuição industrial

O contribuinte, que se regule por esta obra, está perfeitamente habilitado a pedir redução nas collectas lançadas, a seguir recursos, etc., tudo sem precisão de procurador, porque encontra no livro todos os modelos precisos, para pedir exclusão da matriz, por indevida inclusão; de recurso para o juiz de direito; quando haja erro na matriz, por designação de pessoa na indicação da classe; para requerer escusa de membro do gremio; para requerer redução de collecta; reclamação para a junta dos repartidores; para o supremo tribunal administrativo; para quando só tenha exercido a industria uma parte do anno; declaração de cessação de industria; para pedir annullação; para recursos extraordinarios; para reclamar a annullação de multa por falta de declarações; para quando seja errada a designação do local onde é exercida a industria; para requerer exclusão da matriz por cessação da industria; para recurso por duplicação de lançamento; para requerer titulo de annullação, e outros.

Preço 200 réis—Pedidos á «Bibliotheca Popular de Legislação», rua da Atalaya, 183 1.º, Lisboa.

Revista das Escolas

Publicação periodica quinzenal

As assignaturas são annuaes, sempre a partir de janeiro e a acabar em dezembro de cada anno.

São pagas adeantadamente, podendo o assignante satisfazer o pagamento por semestre.

A *Revista das Escolas* publicarse-ha regularmente nos dias 1 e 15 de cada mez, a partir de 15 do corrente; tendo cada numero, pelo menos, 16 paginas in-4.º grande e formará no fim do anno um volume com um indice alphabetico. A administração da *Revista* incumbese de o mandar encadernar por um preço excepcionalmente módico.

A empresa offerece *gratis* os seus serviços n'esta cidade a todos os srs. assignantes; e satisfará com a maxima rapidez possivel as encomendas ou pedidos que lhe forem dirigidos, mesmo para negocios puramente particulares.

Acceitam-se correspondentes em todas as localidades do paiz e nos Estados Unidos do Brazil. Os srs. correspondentes gosarão de certos favores, que serão, opportunamente especificados em circular.

Toda a correspondencia enviada ao director, Palacete da Travessa da Fabrica, 2—Porto.

Repositoriojuridico

Recopilação das leis geraes do paiz em fasciculos de 32 paginas, publicados semanalmente, a 20 réis cada um, pagos no acto da entrega. Em Lisboa, para occorrer ás despezas de transporte e commissão para revender, custa cada fasciculo 30 réis, pagos no acto da entrega.

Nas provincias e ilhas o pagamento é adiantado, não se recebendo importancias inferiores a 300 réis ou 10 fasciculos. Distribuido o 1.º fasciculo não será distribuido o 2.º aos senhores assignantes da provincia que não tenham satisfeito aquella quantia.

CONDIÇÕES DA PUBLICAÇÃO

Esta utilissima publicação, ao alcance de todos, pela sua extrema barateza, e necessaria a todos, se não indispensavel, principiar-se-ha a distribuir na primeira semana de janeiro de 1895, continuando a sua distribuição semanalmente.

Não obstante o preço insignificantisimo, o mais barato que até hoje tem sabido e sahirá de prelos portuguezes, cada fasciculo em bom papel, com o respectivo resguardo, conterá 32 paginas de texto, em 8.º francez, excellentemente impresso, e em typo completamente novo.

D'esta fórma, o *Codigo Civil* Portuguez, que é o primeiro volume a publicar, custará, completo, aos senhores assignantes do Porto, pouco mais de 600 réis, e aos das provincias e Lisboa cerca de 900 réis.

Estes pregos animadores e a fórma suave do seu pagamento, 20 ou 30 réis por semana, são a garantia mais solida do exito d'esta empresa que espera não só publicar todas as leis actualmente em vigor, mas tambem todas as que de futuro se promulguem.

Todos os pedidos e correspondencia devem ser dirigidos á Agencia Portuense de Publicidade, R. do Calvario, 17—Porto.

EDITORES—BELEM & C.º

Rua do Marechal Saldanha, 26—Lisboa

OS FILHOS DA MILLIONARIA

POR
ÉMILE RICHEBOURG

o melhor romance francez da actualidade
A aparição d'esta obra, cuja traducção vamos editar, produziu verdadeira sensação no mundo litterario, e foi saudada com enthusiasmo por todos os que procuram na leitura as sensações fortes e violentas, que nem sempre lhes proporcionam os factos da vida real. E debaixo d'este ponto de vista o romance de que tratamos satisfaz de certo os mais exigentes, porque as suas peripecias, urtidas, com uma habilidade pouco commum, e com um cunho de muito notavel originalidade, mantem constantemente e em subido grau o interesse do leitor, o qual sente de momento a momento o ardente desejo, pode mesmo dizer-se, a impaciencia de conhecer o seguimento do entrecho, que tanto o interessa, e que tão profundamente o impressiona.

Brinde a todos os assignantes

Vista geral do monumento da *Batalha*
Trada expressamente em photographia para este fim, e reproduzido depois em chromo a 14 cores, cópia fiel d'este magestoso monumento historico, que é incontestavelmente um dos mais perfeitos que a Europa possui, e verdadeiramente admiravel debaixo do ponto de vista architectonico. A estampa tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é a mais completa e detalhada que até hoje tem apparecido.

PORTO—IMPRESA CIVILISAÇÃO
Rua de Passos Manoel, 211 a 219

...rescos e cha
...contos, poesias,
...grande utilidade, an-
...etc.

...za offerece brindes aos
...signantes de anno, semes-
...trimestre.

...s primeiros o valor dos brin-
...es é superior á assignatura do
...jornal!

Os brindes para estes assignantes são: um modelo cortado em tamanho natural no primeiro numero de cada mez, que separadamente custa 50 réis, uma musica original, no fim de cada semestre, propria para piano, escripta em papel especial, que se vende por 300 réis, e por ultimo um bilhete inteiro da loteria portugueza que será sorteado por estes assignantes.

A empresa da *Bordadeira* tem montada uma agencia de modas, podendo assim prestar relevantes serviços, gratuitamente, aos seus assignantes.

A agencia encarrega-se da confecção de roupas brancas e de cor; de toda a especie de bordados; da remessa de amostras, tabellas de preços, catalogos, etc., e por ultimo de todas as indicações pedidas pelos assignantes.

Pedidos—Direcção do jornal *A Bordadeira*—Porto.

A viuva e filhos do malgrado major Alfredo Campos, tendo-se retirado d'Ovar sem tempo de cumprir com o sagrado dever de despedir-se das pessoas que os visitaram por occasião da sua chegada a esta Villa, e das que tão caridosamente prestaram sua amizade e valiosos serviços depois do fatal acontecimento e nomeadamente os ex.^{mos} snrs. administrador do concelho, escrivão de fazenda, brigadas Andrade e padre Baptista, não esquecendo tambem os serviços prestados pelo ex.^{mo} snr. dr. Cunha e Costa, vem por esta fórma protestar a todos a sua gratidão por estes assignados serviços, pedindo desculpa por não o ter feito ha mais tempo.

Ovar, 15 de maio de 1895.

DESPEDIDA

Domingos Francisco Pinto, tendo de retirar-se para o Brazil—Pará—e não podendo pessoalmente despedir-se de todos os seus amigos, vem fazel-o por este meio, agradecendo tambem ás pessoas que o acompanham á estação do caminho de ferro, e offerece o seu limitadissimo prestimo no Pará.

Ovar, 18 de maio de 1895.

Domingos Francisco Pinto.